

Prefácio

Fogo Pálido, um poema em dísticos heróicos com novecentos e noventa e nove versos, dividido em quatro cantos, foi composto por John Francis Shade (nascido a 5 de Julho de 1898, falecido a 21 de Julho de 1959) durante os últimos vinte dias da sua vida, na sua residência de New Wye, Appalachia, EUA. O manuscrito, quase todo numa Cópia Limpa a partir da qual o presente texto foi fielmente editado, consiste em oitenta fichas de tamanho médio, tendo Shade reservado, em cada um deles, a linha superior, cor-de-rosa, para cabeçalho (número do canto, data) e utilizado as catorze linhas azul-claras para escrever, com uma pena fina, numa caligrafia minuciosa, limpa, excepcionalmente legível, o texto deste poema, deixando uma linha para indicar duplo espaço e sempre uma ficha nova para iniciar um canto.

O breve Canto Primeiro (166 versos), com todas essas curiosas aves e os parélios, ocupa treze fichas. O Canto Segundo, o mais apreciado, e esse impressionante *tour de force*, o Canto Terceiro, têm o mesmo comprimento (334) e abrangem, cada um, vinte e sete fichas. O Canto Quarto é semelhante ao Primeiro em comprimento e ocupa outras treze fichas, das quais as últimas quatro, utilizadas no dia da sua morte, deram um Rascunho Corrigido, e não uma Cópia Limpa.

Metódico, John Shade costumava copiar a sua quota diária de versos completos à meia-noite e, mesmo que voltasse a copiá-los depois, o que, suspeito, terá por vezes feito, assinalava na ficha ou fichas não a data dos ajustamentos finais, mas a do Rascunho Corri-

gido ou da primeira Cópia Limpa. Quer isso dizer que preservava a data real da criação e não a de uma segunda ou terceira reflexão. Há um parque de diversões muito ruidoso mesmo em frente do sítio onde estou a morar.

Possuímos, assim, um calendário completo da sua obra. O Canto Primeiro foi começado na madrugada de 2 de Julho e terminado a 4 de Julho. Iniciou o canto seguinte no seu aniversário e acabou-o a 11 de Julho. Ao Canto Terceiro, dedicou outra semana. O Canto Quarto foi iniciado a 19 de Julho e, como já observámos, a última terça parte do seu texto (versos 949-999) é dada em Rascunho Corrigido. Este é de aparência extremamente tosca, a abarrotar de rasuras devastadoras e inserções cataclísmicas, e não respeita as linhas da ficha tão rigidamente como na Cópia Limpa. Na verdade, até surge maravilhosamente rigoroso quando nele mergulhamos e nos forçamos a abrir os olhos às límpidas profundezas abaixo da superfície confusa. Não há um verso em falta, uma leitura duvidosa. Tal facto deveria bastar para qualificar as insinuações feitas (a 24 de Julho de 1959), numa entrevista dada a um jornal por um dos nossos shadeanos confessos — que afirmou *sem ter visto o manuscrito do poema* que este «consiste em borrões soltos dos quais nenhum apresenta o texto definitivo» —, como invenção malévola por parte de quem parece menos interessado em deplorar as condições em que a morte interrompeu a obra de um grande poeta do que em difamar a competência, quiçá a honestidade, deste seu editor e comentador.

Uma outra declaração feita publicamente pelo Prof. Hurley e sua clique refere-se a uma questão estrutural. Cito, da mesma entrevista: «É impossível dizer qual a extensão que John Shade projectara para o seu poema, mas não é de afastar a ideia de que o que nos deixou presente apenas uma pequena fracção da composição que viu numa vidraça, sombriamente.» Novo disparate! A par do verdadeiro clarim de testemunho íntimo que ressoa por todo o Canto Quarto, há ainda as afirmações de Sybil Shade (num documento datado de 25 de Julho de 1959), segundo as quais o seu marido «nunca pensou ir além de quatro partes». Para ele, o terceiro canto era o penúltimo, e assim eu próprio o ouvi dizer, num passeio de fim de tarde, quando, como quem pensa alto, passava em revista o seu trabalho do dia, gesticulando em perdoável aprovação de si próprio, enquanto o seu

discreto acompanhante em vão se esforçava por adaptar o lanço de uma passada de perna longa ao caótico andar arrastado e incerto do velho poeta. Não, chegarei mesmo a asseverar (pois a nossa sombra continua a caminhar sem nós) que faltava escrever apenas um verso do poema (a saber, o verso 1000), que deveria ser idêntico ao verso 1 e completaria a simetria da estrutura, com as suas duas partes centrais idênticas, sólidas e amplas, formando, com os flancos mais curtos, duas alas gémeas de quinhentos versos cada uma, e maldita música esta. Conhecendo o espírito combinatório e sentido do equilíbrio harmónico de Shade, não posso imaginar que pretendesse deformar as faces do seu cristal intrometendo-se no seu crescimento previsível. E se tal não fosse bastante — mas é, oh, se é —, passei pela dramática experiência de ouvir a própria voz do meu pobre amigo proclamar, na noite de 21 de Julho, o fim, ou o quase-fim, dos seus trabalhos. (Ver a minha nota ao verso 991.)

Este maço de oitenta fichas estava preso com um elástico que religiosamente repus, depois de ter examinado pela última vez o seu precioso conteúdo. Um outro pacote, muito mais fino, de doze fichas, presas com um *clip* e encerradas no mesmo sobrescrito de papel pardo do maço grande, contém mais alguns dísticos que seguem o seu caminho breve e por vezes esborratado, no meio de um caos de primeiras versões. Por norma, Shade destruía os rascunhos mal deixava de precisar deles: tão bem me lembro de o ver, do meu alpendre, numa luminosa manhã, a queimar uma porção deles no fogo pálido do incinerador, diante do qual se postava, cabeça baixa, como um gato-pingado no meio das borboletas negras levantadas pelo vento daquele auto-de-fé de quintal. Mas poupou aquelas doze fichas por causa dos achados que não usara e que brilhavam no meio da escória de formulações gastas. Talvez tivesse a vaga esperança de substituir certas passagens da Cópia Limpa por alguns dos lindos versos enfeitados nas suas fichas; mais provavelmente, uma estima furtiva por uma ou outra vinheta — posta de lado por considerações arquitectónicas ou porque aborrecera Mrs. S. — tê-lo-á forçado a prescindir da sua utilização até uma altura em que a finalização marmórea de uma dactilografia imaculada a confirmasse ou levasse a mais deliciosa variante a parecer canhestra e impura. E talvez, deixem-me acrescentar com toda a modéstia, tencionasse pedir a

minha opinião depois de me ter lido o poema, como sei que planeava fazer.

Nas minhas anotações ao poema, encontrará o leitor essas leituras canceladas. A sua localização é indicada, ou pelo menos sugerida, pela reprodução dos versos situados na sua imediata vizinhança. Em certo sentido, muitas delas têm ainda mais valor artístico e histórico do que algumas das melhores passagens do texto definitivo. Passo agora a explicar como acabei por ser eu a editar *Fogo Pálido*.

Imediatamente após o falecimento do meu querido amigo, mantive-me junto da sua viúva inconsolável para afastar e combater as paixões mercantis e intrigas académicas que inevitavelmente iriam rodear o manuscrito do seu marido (por mim transferido para local seguro, ainda o seu corpo não descera ao túmulo), mediante a assinatura de um documento atestatório de que o mesmo me fora entregue; de que o faria publicar sem demora, com comentário meu, por uma editora à minha escolha; de que todos os lucros, à excepção da percentagem do editor, reverteriam para a viúva; e de que, assim que publicado, o manuscrito seria entregue à Biblioteca do Congresso, para preservação definitiva. Desafio todo o crítico honesto a encontrar incorrecção neste acordo. Não obstante, já lhe chamaram (o ex-advogado de Shade) «fantástico pandemónio de maldade», enquanto uma outra pessoa (o seu antigo agente literário) pergunta, com um risinho, se a assinatura trémula de Mrs. Shade não terá sido feita com «uma tinta vermelha de tipo muito especial». Tais corações, tais cabeças, são incapazes de compreender que a ligação de uma pessoa a uma obra-prima pode ser avassaladora, especialmente quando se trata do avesso da trama que enreda o observador e único propagador, aquele cujo passado aí se entretece com o destino do inocente autor.

Tal como, creio, se diz na minha última nota ao poema, a carga de profundidade que foi a morte de Shade detonou segredos tais, trouxe à tona tantos peixes mortos, que eu fui forçado a sair de New Wye logo a seguir a ter-me avistado com o assassino detido. A redacção do comentário teve que ser adiada até eu ter encontrado de novo o anonimato em paragens mais sossegadas, mas houve que fixar de imediato as questões práticas relativas ao poema. Apanhei um avião para Nova Iorque, mandei fotografar o manuscrito, cheguei a acordo com um dos editores de Shade e estava prestes a fechar o contrato quando, inteira-

mente por acaso, no meio de um vasto pôr-do-sol (estávamos num compartimento de nogueira e vidro, cinquenta andares acima da progressão dos rastejantes), o meu interlocutor observou:

— Uma feliz notícia para si, Dr. Kinbote, é que o Professor Tal [um dos membros da comissão Shade] consentiu em actuar como nosso consultor para a edição do material.

Ora «feliz» é uma coisa extremamente subjectiva. Um dos nossos mais tolos provérbios zemblanos diz: *luva perdida, luva feliz*. Não demorei a apertar de novo as correias da minha pasta e a deslocar-me a outro editor.

Imaginem um gigante terno, desajeitado; imaginem uma personagem histórica cujo conhecimento do dinheiro se limita aos milhões abstractos da dívida nacional; imaginem um príncipe no exílio que não sabe que traz o Eldorado nos botões de punho! Quer isto dizer — oh!, hiperbolicamente — que sou o tipo menos prático do mundo. Entre uma pessoa assim e uma raposa sabida do mundo editorial, as relações começam por ser tocantemente descuidadas e amistosas, com gracejos expansivos e toda a espécie de sinais de amizade. Nada me leva a supor que possa vir a acontecer alguma coisa que impeça que esta relação inicial com o amigo Frank, o meu actual editor, se mantenha como característica permanente.

Frank confirmou a boa recepção das provas que me tinham sido enviadas e pediu-me que dissesse no meu Prefácio — o que faço com gosto — ser eu o único responsável por quaisquer erros do meu comentário. Recorra-se a um profissional. Um revisor profissional verificou cuidadosamente o texto impresso do poema pela fotocópia do manuscrito e encontrou umas quantas gralhas triviais que me tinham escapado; e foi tudo, em matéria de ajuda externa. Não é preciso dizer quão esperançado estava em que Sybil Shade me fornecesse abundante material biográfico; infelizmente, ela saiu de New Wye ainda antes de mim e está a morar com familiares, no Quebeque. Claro que poderíamos ter mantido uma correspondência frutuosa, mas os shadeanos não desistiram. Mal perdi o contacto com a pobre senhora de temperamento instável, foram em vagas para o Canadá, para a massacrarem. Em vez de responder à minha carta enviada já há um mês da minha toca de Cedarn, com a lista das minhas dúvidas mais desesperadas, tais como o nome verdadeiro de «Jim Coates», etc., mandou-me um repen-